

A prática da Wicca em Fortaleza: um estudo de caso

Yls Rabelo Câmara

Yls Rabelo Câmara

Universidade Estadual do Ceará – Quixadá, CE, Brasil. E-mail: yls.camara@uece.br.
ORCID: 0000-0002-2009-5022

Resumo: Avançando em nossa pesquisa pós-doutoral sobre as rezadeiras da periferia da cidade de Fortaleza, deparamo-nos com diversas manifestações da Espiritualidade e que envolvem a mulher como um elemento importante para o seu panteão. Uma dessas manifestações é a Wicca, que tem no feminino seu expoente sagrado máximo. Para amparar nosso percurso teórico nesse estudo de caso, amparamo-nos em investigadores basilares da área como Cordovil (2017), Langer e Campos (2007), Osório (2011, 2005, 2004) e Terzetti Filho (2016, 2014). Assim, analisamos um *coven* que reúne treze wiccanos desde 2016. Concluímos que esses iniciados refletem os preceitos da Arte sistematizada por Gerald Gardner nos anos 1950, baseando-se no legado de Margareth Murray e de outros estudiosos anteriores a ele, desenvolvida *a posteriori* pelos seguidores mais próximos desses e daqueles.

Palavras-chave: Wicca; *Coven*; Fortaleza; Estudo de caso.

The practice of Wicca in Fortaleza: a case study

Abstract: Advancing in our postdoctoral research on the female folk healers on the outskirts of Fortaleza, we came across several manifestations of Spirituality that involve women as an important element for their pantheon. One of these manifestations is Wicca, which has in the feminine its maximum sacred exponent. To support our theoretical background in this case study, we rely on fundamental researchers in the area such as Cordovil (2017), Langer and Campos (2007), Osório (2011, 2005, 2004), and Terzetti Filho (2016, 2014). Thus, we analyze a coven that brings together thirteen Wiccans since 2016. We conclude that those initiates reflect the precepts of the Art systematized by Gerald Gardner in the 1950s, drawing on the legacy of Margareth Murray and other earlier scholars, developed later by the closest followers of the former and the latter.

Keywords: Wicca; Coven; Fortaleza; Case Study.

La práctica de la Wicca en Fortaleza: un estudio de caso

Resumen: Avanzando en nuestra investigación posdoctoral sobre las curanderas en las afueras de Fortaleza, encontramos varias manifestaciones de espiritualidad que involucran a las mujeres como un elemento importante para su panteón sagrado. Una de estas es la Wicca, que tiene como el máximo exponente sagrado lo femenino. Para apoyar nuestro camino teórico, apoyamos nuestro estudio en investigadores clave en el área como Cordovil (2017), Langer y Campos (2007), Osório (2011, 2005, 2004) y Terzetti Filho (2016, 2014). De esta forma, analizamos un *coven* que reúne a trece wiccanos desde 2016. Llegamos a la conclusión de que estos iniciados reflejan los preceptos del Arte sistematizados por Gerald Gardner en la década de 1950, basados en el legado de Margareth Murray y de otros académicos anteriores a él, desarrollados *a posteriori* por los seguidores más cercanos de estos y de aquellos.

Palabras clave: Wicca; Coven; Fortaleza; Estudio de caso.

Considerações iniciais

Levantando bibliografia para a nossa investigação pós-doutoral sobre rezadeiras da periferia de Fortaleza, deparamo-nos com várias expressões da Espiritualidade feminina que são transversais ao nosso objeto de estudo, mas nem por isso menos instigantes. Dentre elas, a Wicca, que valoriza, empodera e cultua a mulher em seu panteão sagrado.

Nesse estudo de caso, analisamos a Arte, a Wicca, a Antiga Religião ou Bruxaria, praticada em um *coven*¹ que reúne treze congregantes em Fortaleza. Nosso trabalho de campo constou de observações participantes e de uma entrevista semiestruturada individual final com todos eles, no local onde se reúnem.

A título de contextualização, em primeiro lugar, explanamos sobre a metodologia escolhida. Em seguida, na sessão sobre discussão e resultados, traçamos o percurso da Wicca desde os seus primórdios (na segunda metade do século XIX, que remete ao Paleolítico Superior para muitos wiccanos) até sua chegada ao Brasil e, por último, analisamos a Wicca vivenciada pelos iniciados do *coven* em tela.

Material e métodos

Nesse estudo sobre a Wicca, procuramos aprofundar nosso conhecimento sobre ela a partir da pesquisa bibliográfica e dos procedimentos da História Oral. Esse levantamento bibliográfico permitiu-nos obter informações sobre uma suposta origem pré-histórica da Wicca que, diga-se de passagem, advém da crença dos praticantes e não tem base histórica ou arqueológica/acadêmica. Para que a Wicca seja compreendida em sua face histórica, buscamos, ao longo do trabalho, fazer uma retrospectiva do culto à Deusa², com sua origem no período Paleolítico, passando pela perseguição que ele sofreu na Idade Média, até chegar aos dias atuais³. Por outro lado, o marco teórico também nos possibilitou a reflexão sobre as questões de identidade e gênero, que são fundamentais para a compreensão desse fenômeno religioso hodiernamente.

A pesquisa privilegia a dimensão qualitativa e participante com metodologia mista, na qual aplicamos técnicas etnográficas de abordagem, entrevistas individuais e inserção direta nos rituais realizados, protegendo os colaboradores com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A intencionalidade de estudo nesse campo religioso, resguardando o que for indicado como não

¹ *Coven*, conventículo ou conciliábulo é o nome genérico dado a uma agregação ou reunião de bruxos para a realização de rituais religiosos e ritos. Tradicionalmente, ele abriga o máximo de treze pessoas (Prieto, 2009).

² A Deusa não é necessariamente vista como uma pessoa, mas uma força multifacetada de energia que se expressa em uma variedade de formas e pode ter inúmeros nomes diferentes. Ela foi chamada Ishtar, Astarte, Inanna, Lillith, Isis, Maat, Brigid, Cerridwen, Gaia, Demeter, Danu, Arianhod, Ceridwen, Afrodite, Vênus, Artemis, Athena, Kali, Lakshmi, Kuan-Yi, Pele e Mari, entre muitos outros nomes. A Ela foram atribuídos muitos símbolos, como serpentes, pássaros, a Lua e a Terra. A Deusa é a Criadora de todas as coisas e ao mesmo tempo a Destruidora. Tudo vem Dela e tudo retornará a Ela (Prieto, 2009, p. 46).

³ Esclarecemos que não há evidências históricas de que a Wicca ou qualquer outro culto pagão sobrevivera incólume, de forma secreta e invisível, durante o Medievo. Existem, em contrapartida, evidências de algumas crenças de origem pagã sobrevivendo em meio à religiosidade popular e cristã da Idade Média, mas não se tratavam de cultos pagãos organizados e secretos como queria Margaret Murray, que foi criticada historiograficamente por Carlo Ginzburg no livro “História noturna” (2012).

publicável, traz a compreensão adensada das ritualidades da Wicca na dinâmica de *coverns* como o que nos serviu de objeto de estudo.

Já os procedimentos da História Oral foram utilizados na busca por relatos de experiências dos praticantes da Wicca, que esclareceram a forma como as crenças e práticas da Bruxaria moderna são vivenciadas por eles cotidianamente e como estas são entendidas no contexto das relações pessoais e sociais. A utilização da História Oral justifica-se por ser esta uma forma apropriada para reconstituir trajetórias de vida não abarcadas pela documentação escrita, relatos que podem contribuir para “recuperar memórias locais, comunitárias, regionais, étnicas, de gênero, nacionais, entre outras, sob diferentes óticas e versões” (Delgado, 2006, p. 19). Esses relatos também mostram aspectos importantes da constituição das identidades, abordando as percepções dos sujeitos na relação com o contexto histórico passado ou imediato.

Com esses dois tipos de abordagem, procuramos contribuir para a compreensão da Wicca, tanto na perspectiva de sua inserção histórica no campo religioso pós-moderno, como na perspectiva das questões de gênero e identidade que marcam sua prática cotidiana.

Discussão e resultados

Wicca: a antiga religião e seu renascimento na pós-modernidade

A Wicca, a religião neopagã mais difundida no Ocidente, surgiu na Inglaterra dos anos 1950 centrada na magia e no culto ao casal sagrado representado pela Deusa-Mãe e pelo Deus Cornífero ou Galhudo⁴, compreendido como presente em todos os ciclos da natureza, especialmente nas alternâncias das fases da lua (consideradas manifestações da Deusa) e das estações do ano (relacionadas ao Deus). Por extensão, a Wicca celebra o sagrado feminino e o sagrado masculino existente em cada um, buscando a complementaridade e o equilíbrio entre homens e mulheres (Prieto, 2002).

Apesar de buscar essa equidade, as práticas wiccanas, especialmente as diânicas⁵, cultuam predominantemente o aspecto feminino da divindade que se manifesta nos mistérios pertencentes ao ciclo reprodutivo da mulher e que se relacionam diretamente com o sangue menstrual, tais como a menarca, a gravidez e a menopausa. Destarte, a mulher é considerada como a fonte primordial da criação, já que tudo emana dela, inclusive a divindade masculina, filho e consorte da Deusa, exaltada como o princípio criador do universo e que reina soberana sobre o seu panteão sagrado (Cordovil, 2017).

⁴ Sua associação com os chifres nada tem a ver com a figura do Diabo, pois o demônio cristão só passou a ser representado com chifres a partir da Idade Média, durante a Inquisição, numa tentativa de deturpar a imagem de Deuses Pagãos. O Deus é apenas representado com chifres em sua cabeça por causa de sua associação com os animais e com a caça (Prieto, 2002).

⁵ O termo “Diânico” se refere a qualquer ramo da Bruxaria que enfatiza o feminino na natureza, vida e espiritualidade acima do masculino e isto inclui muitas, se não a maioria, das Tradições de Wicca existentes na atualidade. Algumas Bruxas Diânicas só enfocam seus cultos na Deusa, outras na Deusa e no Deus dando supremacia ao Sagrado Feminino, quer seja nos rituais ou filosofia da Tradição (Prieto, 2009).

Com esse foco na divindade feminina, ao migrar da Inglaterra para os Estados Unidos na década de 1960, a Wicca coincidiu com a revolução social causada pela segunda onda do feminismo, pela contracultura, pelas preocupações com o meio ambiente e pelos novos escritos sobre a Deusa, influenciados pela obra da arqueóloga Marija Gimbutas, na qual conceitos como matriarcado e empoderamento adquiriram uma nova roupagem juntamente com uma nova consciência ecológica que permitia maior liberdade sexual, inspirada em religiões pré-cristãs (Eliade, 1979). Na década seguinte, o chamado “Movimento de Espiritualidade da Deusa” sustentava uma TeAlogia (uma nova forma de relacionamento entre a mulher e a Deusa) que incluía vários grupos de diferentes tendências da Nova Era; entre eles: druidas e bruxas, além de militantes feministas (Terzetti Filho, 2016).

Entre autoras e lideranças de destaque nesse período, podemos citar Z. Budapest, a criadora da Wicca Diânica, e Starhawk, a líder do movimento *Reclaiming*. Enquanto a Wicca Diânica enfatiza fortemente o culto à Deusa e o poder feminino (tal como expomos na nota de rodapé n. 4), sendo praticada geralmente em *covens* só de mulheres, alguns de inclinação lésbica, a Wicca *Reclaiming* admite também homens e possui uma forte relação com a militância política feminista, pacifista, ecológica e LGBT (Cordovil, 2017). Outra forte influência na Wicca, a celta, teve Doreen Valiente como precursora, remodelando a Antiga Religião segundo seus contornos originais (Araújo, 2015).

Tornou-se a Wicca, então, uma alternativa para jovens do *baby boom* em relação ao *establishment* cristão patriarcal misógino, abraâmico e excludente. Dessa forma, várias autoras feministas (de distintas religiões) contribuíram para que viesse a público essa nova forma de perceber a religião, dentre as quais se destacaram as católicas Rosemary Radford Ruether, Mary Daly e Elizabeth Schüssler Fiorenza; as evangélicas Sheila Collins e Eleanor McLaughlin; as judias Rita Gross, Judith Plaskow e Aviva Cantor e as já mencionadas wiccanas Starhawk e Zsuzsanna Budapest (Vieira, 2011). Em resumo:

A *wicca* é parte de um ramo da Nova Era chamado por Heelas (1996) de “conhecimento da Deusa”, alinhada com uma espiritualidade feminista e com fortes preocupações ecológicas. Tentando um resgate da tradição mágica europeia, a *wicca* reformula muito desta tradição e se abre à inclusão de elementos de qualquer origem espaço-temporal. Para seus seguidores, ela é uma religião pagã herdeira das tradições e crenças das comunidades europeias anteriores ao cristianismo (Grimassi, 2000). Alguns autores traçam uma linhagem que viria diretamente da Pré-história para os dias atuais, outros acreditam que a *wicca* foi formulada na Inglaterra, na década de 1950 (Osório, 2011, p. 51).

O fundador e sistematizador da Wicca foi Gerald Brosseau Gardner (1884-1964), funcionário aposentado da Coroa Britânica, que passou a maior parte de sua vida no Oriente. Fascinado pelo espiritualismo e pelo ocultismo, seu cargo como inspetor dos seringais na Malásia Central permitiu-lhe travar estreito contato com os costumes e as crenças nativas e, embora não tivesse educação formal suficiente e fosse basicamente autodidata, atuou como arqueólogo e folclorista amador (Duarte, 2017). Segundo Bezerra (2010), sua iniciação deu-se em um *coven* de New Forest, Inglaterra, creditado por ser remanescente do Paganismo antigo europeu e que sobrevivera à Caça às Bruxas. Gardner afirmava

que as bruxas que ali conhecera chamavam-se a si mesmas de *wica*, “pessoa sábia”; conservavam um ensinamento oculto, praticavam um culto ancestral mesclado com superstição e dominavam o conhecimento erval e mágico. Conforme Duarte (2017), Gardner manipulava a informação que veiculava para melhor compaginar com a mensagem que gostaria de transmitir:

Essa descrição de Gardner se aplicaria, com algumas restrições, aos curandeiros de aldeia que citamos, os *cunning-folk*, mas de forma alguma à concepção de bruxa da antiga Inglaterra, invariavelmente ligada à prática do malefício. A própria palavra “wica”, utilizada por Gardner, nunca existiu. A grafia correta – “wicca” – que ele passa a adotar a partir do segundo livro e cuja pronúncia correta é “witcha”, é simplesmente o termo em inglês arcaico para bruxo (bruxa seria *wicce*). Este termo não possui nenhuma correlação linguística com “sábio” (*wise*), mas a afirmação de Gardner forçou não apenas a pronúncia “dura” (*wika*) da palavra entre seus futuros adeptos, como também a corriqueira interpretação do seu significado (Duarte, 2017, p. 281).

Pode parecer estranha a ideia de que na sisuda Inglaterra de então a Bruxaria, tema tabu em quase todas as sociedades até os dias de hoje, tenha sido tratado de maneira tão leve mas, segundo Duarte (2017), isso é um resquício da não infiltração na Inglaterra da doutrina demonológica que a Santa Inquisição pregava no continente. Além disso, a Wicca surgiu concomitantemente à abolição de todas as leis contra a Bruxaria no país, o que foi uma feliz coincidência para que se evitasse o rechaço (Bezerra, 2010).

Antes, ainda no século XIX, quando o neocolonialismo inglês estreitara as relações do Ocidente com a África e o Oriente, surgiram na Inglaterra trabalhos de antropólogos que descreviam povos antigos e tribais observados nesses rincões, além de sociedades e de ordens ocultistas que almejavam resgatar a sabedoria e a magia dos povos vetustos. Naquele momento histórico, o tema da Bruxaria pertencia ao discurso dos contistas, fabulistas e folcloristas, como Charles Leland em “Aradia: o evangelho das bruxas” (2000), Sir James Frazer em “O Ramo Dourado” (1983), e a Dra. Margareth Murray em “Culto das Bruxas na Europa Ocidental” (2003). No período imediatamente após a II Guerra Mundial, as mudanças sociais e culturais com ele advindos propiciaram a emergência de uma espiritualidade que exaltava o folclore pagão inglês. Parecia que a Wicca estava fadada a surgir e a ser obsequiada com a aceitação crescente que vem tendo desde então.

Leland (2000) justifica em sua obra que a Bruxaria é mais do que a “Velha Religião”; “o autor, inclusive, é o primeiro a usar o termo em relação à bruxaria, da qual Diana é a Deusa, sendo sua filha Aradia (ou Herodius), o Messias feminino” (Terzetti Filho, 2014, p. 78). Conforme Langer e Campos (2007), em sua obra “O Ramo Dourado”, composta por doze volumes publicados entre 1890 a 1941, Frazer popularizou, em minuciosas descrições, os cultos pré-cristãos de adoração à natureza, os sacrifícios e a religiosidade pagã.

Nessa mesma linha de pensamento antropológico, a Dra. Margaret Murray, que segundo Duarte (2013) foi uma linguista britânica (responsável pela descrição do verbete “Bruxaria” na Enciclopédia Britânica, em 1929) alçada à condição de Professora Assistente de Egptologia porque trabalhara como assistente de um egptólogo no Egito e na Palestina, defendeu em seus livros, de 1921 a 1930, a

sobrevivência de cultos pré-históricos de adoração à Deusa na Idade Média, interpretados pela Igreja como Bruxaria e Satanismo. Esses cultos por ela denominados de “Antiga Religião da Grã-Bretanha pré-cristã”, poderiam pertencer à religião dos druidas, os sacerdotes celtas.

Contudo, comprovou-se, ao final, que ela confundira mito com rito, mesclando a interpretação histórica criada pelos inquisidores com crenças de origem mais antiga, perpetuadas oralmente e que ela tomou como certas. Sem embargo, “as críticas ao seu trabalho à época em que foi escrito foram muito esparsas e publicadas em periódicos especializados, o que acabou por não afetar a popularidade de sua teoria nos meios leigos” (Duarte, 2013, p. 20). Tempos depois, Gerald Gardner fez uma releitura de suas ideias, tanto em termos bibliográficos quanto em termos práticos, e apregoou que estas práticas nunca haviam desaparecido da Europa:

Para a Dra. Murray, as bruxas que haviam sido perseguidas nos primeiros séculos da Idade Moderna eram, na verdade, sacerdotisas de um culto pagão que resistira nas sombras ao advento do cristianismo. Gardner alegava que encontrara, na verdade, resquícios desse “culto moribundo” e se dedicara a revitalizá-lo e tirá-lo das sombras, o que lhe valeu uma introdução entusiasmada de Murray em *A Bruxaria hoje* (Duarte, 2017, p. 276).

Baseado nessas fontes, Gardner criou um mosaico da origem dos cultos de Bruxaria, encontrando vestígios dela do Oriente e Ásia até a Europa antiga e medieval. Em realidade, Gardner fundiu, de maneira aleatória e sem critério histórico, várias práticas mágicas e religiosas de finalidade, contexto social e estruturas totalmente diferenciadas. Para ele, o culto à Deusa e ao Deus seria universal e constituiria a base da Bruxaria em todo o mundo e em todas as épocas – algo comprovadamente infundado à luz das atuais pesquisas arqueológicas e da História das Religiões (Langer; Campos, 2007). Com uma educação formal que se limitava às primeiras letras, Gardner não tinha conhecimento suficiente para criticar suas fontes e tampouco tinha acesso ao circuito acadêmico. Com o Romantismo ainda em voga na Inglaterra de sua infância, para onde voltaria depois da II Guerra Mundial, tornou-se “um típico ‘inglês exótico’, vivendo no passado e tentando adaptar suas ideias a um mundo recém lançado na Era Atômica” (Duarte, 2017, p. 284), romantizando a teoria que difundia.

Ainda que a Bruxaria tenha sido descrita por Margaret Murray como um culto ancestral comum à toda a Europa Ocidental pré-cristã, tornou-se comum entre os praticantes da Wicca, devido à obra de Gardner, remeter suas origens às Ilhas Britânicas e associá-la, em especial, à mitologia celta (Duarte, 2017). Dessa maneira, por exemplo, Gardner manteve na liturgia wiccana os quatro grandes *sabbats*: *Imbolc* (*Candlemas*, 1º de fevereiro), *Beltane* (1º de maio), *Lammas* (1º de agosto) e *Samain* (1º de novembro) e os *esbats*. Fundindo sua teoria com tradições mágico-ocultistas que vinham florescendo na Europa desde o século XVIII, Gardner incorporou símbolos (o *triskle*, o labirinto, o espiral, o pentagrama, etc.) e talismãs às práticas (Langer; Campos, 2007; Prieto, 2002). Sobremaneira, a presença da Deusa é o que diferencia a Wicca das religiões monoteístas abraâmicas:

Gimbutas acreditava em um antigo culto a uma divindade feminina central, denominada de deusa ou grande mãe, comum a vários povos do passado. Apesar de ela não

defender diretamente a imagem do matriarcado, tanto as paganistas quanto as feministas passaram a usar sua obra como referência para a crença na ginococracia (o poder total da mulher em uma sociedade), que desta maneira, passou também a ser a grande utopia do wiccanismo norte-americano, mas que nunca foi comprovada pela historiografia ou Arqueologia para qualquer comunidade histórica. Psicologicamente o culto da deusa-mãe representaria uma necessidade humana de proteção e segurança, e nos tempos modernos seus símbolos poderiam sobreviver através da veneração da terra e da natureza. Essa idéia de compaixão original da deusa (Mãe-Terra), sobrevivendo através de seu santuário (corpo) também pode ser percebida nas idéias do mitólogo norte-americano Joseph Campbell, pelo qual a idéia da preservação da natureza seria a conservação do princípio espiritual originário da Grande Deusa. Assim, temos a imagem utópica de alguma sociedade antiga onde além de as mulheres exercerem o poder total, também o culto centralizado a alguma deusa reforçaria essa supremacia feminina (Langer; Campos, 2007, p. 14-15).

Esse centramento no feminino fez com que em 1971, sete anos após a morte de Gardner, Zusanna Budapest, imigrante húngara nascida e criada em lar wiccano, formasse o seu próprio *coven* mesclando elementos da Wicca Gardeniana com as causas e os interesses do feminismo e da política radicais, muito em voga naquele contexto histórico. Essa fuga do falocentrismo judaico-cristão e convergência para o elemento feminino é um ponto fulcral de atração a mais na Arte, independentemente da tradição, para as pessoas que buscam e vivenciam o feminino em suas vidas, além do pleno exercício de sua sexualidade junto com a liberdade de expressar-se sexualmente sem rótulos.

Com o passar do tempo, a Nova Era encarregar-se-ia de desviar o foco das antigas tradições wiccanas em favor de sistemas modernos mais ecléticos. É assim que destituída da imposição dogmática que caracteriza as religiões abraâmicas, a Wicca possibilita o culto autônomo e sem intercessores a deusas e deuses dos mais diversos panteões (Terzetti Filho, 2014). No *coven* que nos serviu de objeto de estudo, o panteão sagrado é formado por divindades gregas; dentre elas, as deusas e entidades femininas mais cultuadas são: Atena, Ártemis e Deméter.

Pode-se pôr em prática os ensinamentos da Wicca tanto participando de um *coven* quanto individualmente. Se preferir congregar-se com outros wiccanos, o candidato a bruxo necessitará preparar-se durante um ano e um dia (tempo considerado sagrado para o Mundo Celta), sendo acompanhado de perto por um tutor. Nesse período, ser-lhe-ão fornecidos materiais para leitura e o neófito será arguido e testado continuamente a fim de que prove para si e para os demais que sua convicção em se tornar wiccano é fidedigna e autêntica. Ao cabo de um ano e um dia, terá que se decidir entre entrar na Wicca ou não. Nada lhe é imposto. No que tange à individualidade do percurso de um wiccano na Arte, Osório (2011, p. 56) esclarece:

Cabe aqui indicar que o universo Nova Era, do qual a *wicca* faz parte, é altamente individualizado. A religiosidade Nova Era foi definida como “religiosidade do Eu”, que se refere tanto à falta de mediação entre sujeito e divindade quanto ao fato de que o Eu é o lócus da divindade (Heelas, 1996). Amaral (1996, p. 67) aponta, de um lado, uma “versão *hard* magia-poder [...] que enfatiza o par *energia-poder* [...] e tende a recriar o mito do indivíduo todo poderoso”, e, de outro, “uma versão mais *soft* do movimento Nova Era que enfatiza o par espiritualidade-harmonia”. A *wicca* estaria localizada na primeira vertente.

No discurso gardneriano atualizado, bruxas e bruxos possuem altares, instrumentos rituais, imagens de deuses e deusas de diversas mitologias e panteões sagrados, além de vestimentas especiais. Praticam divinação com o tarô ou através da quiromancia e especializam-se em Reiki, cristais, cromoterapia, florais de Bach e de Saint Germain e outras práticas holísticas (Duarte, 2017).

Após essa visão geral da Wicca, analisamos na próxima sessão a Wicca no Brasil: como se estabeleceu aqui, quem foram/são seus pioneiros e suas lideranças pretéritas e atuais e como se encontra nesse momento.

A Wicca no Brasil

De acordo com Cordovil (2017), a Wicca chegou ao Brasil nos anos 1970, juntamente com a Nova Era e suas espiritualidades alternativas, mas não se desenvolveu até os anos 1990, quando publicações traduzidas ou não sobre a religião chegaram às livrarias em crescente número e os adeptos foram se somando.

À luz de Duarte (2013), a primeira obra sobre a Wicca publicada no Brasil foi um livro de Hans Holzer chamado “A verdade sobre a Bruxaria” (1977). Como sua publicação aqui antecedeu a de obras clássicas de autores wiccanos consagrados, não obteve repercussão. Contudo, há que se considerar que naquela época vivíamos uma ditadura militar apoiada por bases católicas e que dificilmente permitiriam que a publicação de uma obra não cristã fosse bem-sucedida. Quase uma década depois, “As Brumas de Avalon” (1982), a obra feminista, homoafetiva e neopagã de Marion Zimmer Bradley, chegou ao mercado editorial brasileiro em quatro volumes e tornou-se uma das mais vendidas por décadas.

Somente em 1990 foi lançado outro título sobre a Arte: a tradução de “O Poder da Bruxa”, de Laurie Cabot, pela Editora Campos. A partir de então, começaram a surgir as traduções de outras obras wiccanas como a “Autobiografia de uma Feiticeira”, de Louis Bourne, “Feitiçaria: a tradição Renovada”, de Doreen Valiente, e “Wicca: a Feitiçaria Moderna”, de Gerina Dunwich (Oliveira, 2012). Foi apenas em 1992 e 1994, respectivamente, que surgiram títulos publicados por autores brasileiros – nesse caso, por Márcia Frazão: “A Cozinha da Bruxa e Revelações de uma Bruxa”.

Essa autora preconizava uma adaptação da Wicca para os ciclos naturais brasileiros, levando à mudança das datas dos *sabbats*, uma vez que estamos no Hemisfério Sul e as estações do ano são opostas às do Hemisfério Norte; o uso de plantas nativas e a presença de entidades ameríndias e afro-brasileiras nos rituais. Tal proposta foi veementemente criticada pelos puristas que defendiam a Wicca tal como era praticada no Hemisfério Norte, assim como por outros que enxergavam nas intenções de Frazão uma aproximação das bruxas e bruxos com as rezadeiras e rezadores (Duarte, 2013). A verdade é que essa autora foi a precursora de um mercado que parecia muito promissor, mas que não lhe rendeu *best-sellers* – ao contrário do que aconteceu com Paulo Coelho, por exemplo, famoso mundialmente após a publicação de seu primeiro livro, “O Diário de um Mago”, em 1987, e desde então. Em nove obras que publicou sobre Bruxaria, entre 1990 e 2005, Frazão revelou-se autobiográfica e

didática em suas receitas de feitiços e rituais e em suas dicas de como se tornar uma bruxa. Como explica Osório (2005, p. 128):

Apenas na segunda obra utiliza a palavra wicca, banida posteriormente de seu vocabulário por conta das disputas inerentes ao universo da própria wicca no país. Essas disputas giram em torno da dominação oficial de um campo religioso recém-estabelecido, onde lideranças com visões díspares do que sua religião deve ser e de como implementá-la travam batalhas verbais em um espaço até o momento novo: a Internet.

Após Frazão, muitos autores brasileiros dedicaram-se a escrever sobre a Arte – com ou sem repercussão. Dentre eles destacamos Claudiney Prieto, que se tornou uma referência de liderança wiccana no Brasil⁶. Osório (2005, p. 128-129) esclarece, contudo, que “Márcia Frazão e Claudiney Prieto são opositores ferrenhos um do outro. Suas visões do que a bruxaria moderna deve ser e de como mesclá-la à cultura brasileira são díspares”.

Desde o início, surgiram tentativas de sistematizar e legalizar a Wicca no Brasil, com maior ou menor êxito. Quem primeiro se articulou nesse sentido foi Heloísa Galvês, a proprietária da franquia “Além da Lenda”, que organizou um grupo de wiccanos em sua primeira loja, em São Paulo, nos primeiros anos da década de 1990 (Duarte, 2013). Surgiu, então, a tentativa de criação da Igreja de Bruxaria do Terceiro Milênio, capitaneada por Roberto de Carvalho e que foi abandonada após sua morte prematura (Duarte, 2013).

O ano de 1998 abrigou o I Encontro de Bruxaria do Brasil, em São Paulo, organizado por Wagner Périco e Denise de Santi. No mesmo ano, a Associação Brasileira da Arte e Filosofia da Religião Wicca (ABRAWICCA) foi formada, tendo Claudiney Prieto como seu presidente. Em 1999, também aconteceu o “Brux@s Brasileir@s em Brasília” (BBB), o mais antigo e tradicional encontro anual de bruxas e bruxos brasileiros. Segundo Mavesper Cy Cerridwen, sua organizadora, o que o diferencia dos demais é o fato de ser realizado como acampamento, o que permite um contato maior dos congregantes com a natureza. No ano de 2004 formou-se a União Wicca do Brasil (UWB), no Rio de Janeiro, influenciada pelos sacerdotes Diogo Ribeiro, Leo Maciel e Og Sperle (Araújo, 2015).

Segundo Bezerra (2010), com a ABRAWICCA cada vez mais atuante e com o surgimento de outras entidades wiccanas como a Igreja de Bruxaria e Wicca do Brasil (IBWB) e a União Wicca do Brasil (UWB), com a relativa facilidade para se encontrar livros nacionais e importados, além de materiais relativos à Antiga Religião, e com a internet cada vez mais difundida em nível nacional entre as décadas de 1990 e 2000, testemunhamos a irradiação dessa religião a partir de São Paulo para outras capitais brasileiras, já com peculiaridades que refletiam as posturas e as escolhas dos pioneiros (Duarte, 2013).

Com o tempo, surgiram lideranças que, à sua maneira, eclipsaram o trabalho dos percussores e imprimiram suas marcas em seus seguidores. No entanto, não houve um desvio significativo das ideias

⁶ Ao presidir a ABRAWICCA, que tinha como uma de suas características a associação a organismos e eventos internacionais pagãos e a defesa dos direitos individuais como, por exemplo, o Projeto Deusa 2000 e o Dia Mundial do Orgulho Pagão (Duarte, 2013).

inicialmente difundidas, ao passo que a religião adentrava no século XXI e o número de adesões crescia exponencialmente, como afirma Duarte (2017). Um importante fator para que a Wicca continuasse crescendo e angariando adeptos é o sincretismo religioso brasileiro, característica que nos define como um povo que nasceu a partir da mistura de outros.

Existe hoje uma grande gama de material acerca da Wicca em termos de publicações. Isso estimula a formação de auto iniciados, que ainda que sejam vistos com reservas pelos mais tradicionalistas, ajudam na popularização do credo. Têm-se, por exemplo, o “Almanaque Wicca”, da editora Pensamento, publicado anualmente desde outubro de 2003. Essa publicação encontra boa aceitação entre a comunidade wiccana, apresentando informações sobre os festivais e as fases lunares, assim como dados úteis para a realização de feitiços. Já na música, existe uma predileção por canções de inspiração céltica e gaulesa. Infelizmente, quanto à grande mídia televisiva, a penetração wiccana é quase inexistente (Corrêa; Refkalefsky, 2012).

No universo dos praticantes da Wicca,

podemos encontrar sacerdotes “autoiniciados”, praticantes solitários, membros de covens e tradições, além de buscadores religiosos que aprendem e praticam técnicas da Wicca de maneira experimental, mesclando-as com outras práticas esotéricas. O universo da Wicca é composto por um *continuum* que vai desde grupos e coletividades estruturadas, com regras claras de pertencimento ao grupo e critérios rígidos para sua exclusão, até indivíduos que a experimentam autonomamente (Cordovil, 2017, p. 87).

Por ser uma religião iniciática, deve ser praticada em *covens* que não devem ultrapassar o número de treze pessoas. Um conjunto de *covens* unidos por princípios doutrinários e uma ritualística comum é chamado de tradição – que ainda que existem muitas na Inglaterra e nos Estados Unidos, no Brasil somente começaram a ser criadas a partir dos anos 2000. Entre as mais conhecidas, destacamos: a Tradição Diânica Nemorensis, a Tradição Caminhos das Sombras, a Tradição de Lilith e a Tradição Diânica do Brasil (Cordovil, 2017).

Em 1999, Claudiney Prieto lançou o livro “Ritos e Mistérios da Bruxaria Moderna”, e em 2001, “Wicca: a religião da Deusa”, que além de ser uma das suas principais obras, trouxe mais notoriedade à Wicca para o público brasileiro. Porém, devido à grande quantidade de filmes e séries que foram lançados nos últimos vinte anos e que têm como protagonistas bruxos e bruxas, despertou-se o interesse do público, especialmente do jovem, pela magia. Além disso, no Brasil, grande parte do crescimento da Bruxaria deu-se a partir da publicação de uma revista, “Wicca” (2001), pela editora Escala, que tinha como autora a bruxa Eddie Van Feu. Essa revista teve sessenta e três edições e foi uma verdadeira febre entre a juventude do início do século XXI (Araújo, 2015). A Wicca passou, então, a ser uma opção religiosa viável para pessoas interessadas em misticismo e práticas esotéricas, tornando-se marcadamente popular entre os jovens, como afirmamos acima (Cordovil, 2017).

Buscando essa identificação da juventude com a Wicca e vice-versa, chegamos ao *coven* que nos serviu de objeto de estudo nesse artigo científico um estudo de caso, e sobre o qual discorreremos a seguir.

A WICCA praticada por jovens em Fortaleza: um estudo de caso

Na condição de investigadora, realizamos dez (10) observações participantes nesse *coven*, com o consentimento de todos os congregantes (que leram, assentiram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE), assim como também realizamos uma entrevista individual semiestruturada com cada um deles ao final da pesquisa, a fim de esclarecermos alguns temas que não haviam sido mencionados, observados nem anotados no caderno de campo durante o período das observações. Estas ocorreram entre os meses de junho e agosto de 2019, no local onde os congregantes se reúnem desde 2016. O único senão que nos foi por eles apresentado foi seu registro imagético. Como a maioria deles não aceitou que sua imagem fosse capturada em vídeos ou fotografias para serem veiculadas depois, aceitamos essa imposição – a de não fotografarmos nem filmarmos nada nem ninguém – ainda que a contragosto nosso.

As reuniões normalmente ocorrem aos sábados, de 18 às 20h, na casa de um deles. Além disso, costumam se reunir para celebrar os *sabbats* e os *esbats* ali e em lugares naturais (parques, cachoeiras, rios, açudes e praias), uma vez que, segundo Pereira, Campos e Machado (2017, p. 4), “a Wicca busca o reequilíbrio do ser humano com a natureza”. Como não pertencemos a essa egrégora, participamos de alguns desses eventos, mas não nos foi permitido participar de todos os que cobriam o lapso da investigação *in loco* porque há os que são reservados apenas aos bruxos.

Apesar desse impedimento, que compreendemos, foi-nos possível depreender, pelas observações feitas, assim como pela entrevista final, que todos dizem ser cumpridores de duas leis morais que embasam os valores espirituais que os praticantes dessa religião buscam: a Rede Wicca (o praticante pode fazer uso de seus poderes para fazer os feitiços que achar necessários, contanto que esses não prejudiquem nada nem ninguém) e a Lei Tríplice (tudo o que de bom ou mau for feito, voltará com intensidade triplicada para aquele que o fez). Alguns dos bruxos desse *coven* são veganos e outros, vegetarianos; apenas dois afirmam ser consumidores de produtos de origem animal. Todos tentam viver de forma saudável, praticando esportes, hidratando-se o máximo possível, preservando horas de sono e nutrindo-se de boas leituras e de bons programas televisivos, cinematográficos e teatrais. Em resumo: são pessoas que buscam o aperfeiçoamento em esferas várias.

O *coven* que nos serviu de objeto de estudo se reúne há aproximadamente oito anos, sempre na capital do estado, mesmo que alguns rituais e celebrações tenham acontecido e aconteçam em outras cidades da Região Metropolitana de Fortaleza. Desde 2016, esse grupo de jovens bruxos vem se reunindo no mesmo local, na casa de um deles, como mencionamos com anterioridade. É formado por treze wiccanos: três mulheres e dez homens, cuja faixa etária varia entre os vinte e dois e os trinta e nove anos. Há também dois neófitos em formação desde o início de 2019. Dos membros supracitados, apenas dois são negros; todos os demais têm a pele clara. Todos têm nível de estudo superior (dois são universitários e os demais são mestrandos, mestres e doutorandos; há dois que são especialistas e não pertencem à Academia, apenas exercem suas profissões liberais). Dentre eles há sociólogos, letrólogos, uma veterinária, um advogado, uma enfermeira, um biólogo, um biomédico e um historiador.

Percebe-se, portanto, que o *coven* em questão é formado por uma elite pensante e, ao mesmo tempo, uma elite no que tange a recursos econômicos também: quase todos vivem em bairros de classe média e classe média alta de Fortaleza ou de cidades que margeiam a capital; apenas um deles é morador de um bairro periférico e menos considerado em termos de especulação imobiliária. A escolha desse *coven* por nós foi aleatória, assim que o perfil elitista do mesmo não reflete uma realidade cabal para todos os demais.

Quanto à orientação sexual, nove dos treze congregantes têm relações homoafetivas e/ou bissexuais, sendo que alguns são casados entre si, e quatro se declararam heterossexuais, mas que não têm problema quanto à sua sexualidade e poderiam igualmente manter relacionamentos homoafetivos concomitantes se os mesmos surgissem/surgirem. Como alguns dos rituais são realizados com os participantes vestidos de céu (ou seja, nus), fica patente que o corpo e tudo o que a ele se refere não representa empecilho para esses jovens, que vivem sua sexualidade plenamente.

No que diz respeito à sua formação religiosa, onze deles nasceram em lares católicos e dois vieram de famílias evangélicas. Todos deixaram de seguir suas religiões de berço em algum momento antes dos vinte anos de idade e buscaram se encontrar em outros credos (como a Umbanda, a Rosa Cruz e o Espiritismo) antes de adentrarem a Wicca. No que a ela concerne, quase todos a conheceram por meio de amigos e quatro deles tiveram o primeiro acesso a ela através de filmes e séries de televisão ou de livros (como, por exemplo, “As Brumas de Avalon” (1982), obra que todos gostam e já leram). O fato de estes e de outros congregantes anteriores se basearem em obras literárias, televisivas ou fílmicas para aderirem à Wicca pode gerar uma expectativa que talvez nunca se cumpra, devido à fantasia emprestada a essas obras e que não condiz com a realidade na maioria das vezes.

Percebemos, ao longo das dez observações participantes que ali fizemos, que há bastante disputa de ego entre os participantes. Uns creem ser mais bruxos do que outros e isso gera conflitos internos que reverberam em discussões às vezes acaloradas e que podem provocar dissidências mais graves, como é bastante comum entre os wiccanos, pelo que deduzimos do levantamento bibliográfico realizado e das informações coletadas na entrevista semiestruturada final de alguns desses bruxos por nós observados.

A ideia da criação desse *coven* veio de uma conversa entre três de seus participantes, que à época congregavam-se em outro *coven* que, devido a divergências internas, dividiu-se em dois e apenas uma dessas partes seguiu na Arte. Dos que saíram, estão esses três fundadores do *coven* aqui estudado. Os outros participantes foram chegando aos poucos, a convite, e um deles (uma das duas mulheres do grupo), ofereceu-se para fazer parte porque vinha buscando uma forma de se conectar à Deusa e que não fosse de maneira solitária, como vinha fazendo. Não é fácil ser aceito como iniciado. Para tanto, como é de praxe na Wicca e como já mencionamos antes, há que se passar um ano e um dia preparando-se, instruindo-se. Ressaltamos aqui a importância dessa contagem temporal porque para os celtas – um ano e um dia era um cômputo sagrado e esse *coven*, embora não seja de tradição céltica, respeita esse parâmetro.

A Alta Sacerdotisa e o Alto Sacerdote são amigos há muitos anos. Ambos são professores, ele (Mestre em Letras Português) em uma escola particular de Ensino Fundamental e Médio de referência na cidade de Fortaleza e ela (doutoranda em Letras Espanhol), em um Instituto Federal no interior do estado, onde trabalha três dias por semana. Percebemos que o casal é bem-aceito pelos demais participantes e que gozam de sua estima também fora do perímetro do *coven*, quando se reúnem para se divertir, apesar de nem todos aderirem às saídas em conjunto quando as reuniões acabam.

Para uma maior visibilidade virtual desse grupo de wiccanos, o *coven* conta com uma página no Facebook e outra no Instagram, constantemente alimentadas por um deles, que se encarrega pessoalmente do *marketing* do grupo, com fotos dos eventos participados, informações sobre a religião, propaganda de eventos vindouros e memes sobre Bruxaria. No que tange aos supracitados eventos, pelo que pudemos coletar das entrevistas, não são tão frequentes no Ceará como aos participantes gostaria que fossem. Portanto, suas atualizações são feitas por meio de livros sobre a Arte e eventos virtuais, bem mais comuns e mais baratos dos que os promovidos pela Wicca no Brasil.

Existe o plano também de criação de um canal no *YouTube*, que está em fase de escolha de temáticas a serem veiculadas. Será provavelmente apresentado por um dos membros que já tem experiência com um canal por ele gerenciado nessa plataforma virtual há alguns anos. Quanto ao teor dos assuntos abordados, ficará sob a responsabilidade de todos, que contribuirão com temas que lhes pareçam mais interessantes. Além disso, o grupo quer divulgar mais a Wicca e seu trabalho por meio de *picnics* instrutivos em parques urbanos, com convidados trazidos pelos congregantes.

Esse, pelo que vemos, é um *coven* sólido e que tem potencial para seguir assim, e crescendo. Após a última observação participante que realizamos, e ao concluirmos a última entrevista, já no último encontro que tivemos, agradecemos a participação de todos presenteando o *coven* com uma estátua de Atena para ser colocada em seu altar principal, e a cada um dos congregantes com uma miniestátua dela. Assim, naquele lanche coletivo à guisa de confraternização, demos por encerrada a coleta de dados com uma dinâmica de encerramento e de expressão de gratidão.

Considerações finais

Em linhas gerais, concluímos que para seus seguidores a Wicca é uma religião pagã herdeira das tradições e crenças das comunidades europeias anteriores ao Cristianismo (Grimassi, 2000). Alguns wiccanos traçam uma linhagem que viria diretamente da Pré-história para os dias atuais, outros acreditam que a Wicca foi formulada na Inglaterra na década de 1950.

Em sua cosmologia, a Wicca professa a crença em um par divino, chamados de a Deusa e o Deus. Encarnando princípios da natureza, esse par representa princípios opostos, mas complementares. Ela teria dado origem a Ele e ambos teriam criado o universo ou seriam o próprio universo, a própria natureza. Sendo a primeira, Ela tem preeminência sobre o Deus, visto como seu filho e consorte, e essa preeminência reflete-se nas práticas da Wicca.

Os wiccanos utilizam a magia como forma de conexão espiritual. Sua ritualística gira em torno dos elementos clássicos e seu calendário litúrgico celebra as mudanças das estações do ano e as fases da lua, o que os remete às práticas ancestrais, ligadas à agricultura e pecuária primitivas. Seu *ethos* é sustentado por dois pilares principais: a *Wiccan Rede*, cuja lógica diz que conquanto não prejudique ninguém, incluindo a si mesmos, cada pessoa pode fazer o que desejar, e a Lei Tríplice, a crença de que tudo o que fazemos, seja bom ou seja mau, retorna triplicado para nós.

Essa, que é a religião neopagã mais estendida no mundo ocidental atualmente, foi sistematizada por Gerald Gardner, que fez uma releitura das ideias de Margareth Murray e de outros folcloristas e ocultistas. Seus seguidores deram continuidade ao trabalho inicial, fundando outras tradições que chegaram até nós nos anos 1970 e se desenvolveram vinte anos depois, fazendo do Brasil um país com potencial para seguir angariando adeptos e difundindo a fé na Arte.

O estudo dessa religião, como a de outras neopagãs, é um universo fascinante e ainda academicamente pouco explorado, que convida os pesquisadores da Sociologia, das Ciências da Religião, da Filosofia, da História, da Psicologia e de outras Ciências Sociais afins a nele mergulhar e para com ele contribuir.

Referências

Fontes primárias

- BRADLEY, Marion Zimmer. *As Brumas de Avalon*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- COELHO, Paulo. *O Diário de um Mago*. São Paulo: Madras Editora, 1987.
- FEU, Eddie Van. *Revista Wicca*. São Paulo: Editora Escala, 2001.
- FRAZÃO, Marcia. *Revelações de uma Bruxa*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1994.
- FRAZÃO, Marcia. *A Cozinha da Bruxa*, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1992.
- GRIMASSI, Raven. *Enciclopédia de Wicca e Bruxaria*. São Paulo: Gaia, 2000.
- HOLZER, Hans. *A Verdade sobre a Bruxaria*. São Paulo: Editora Record, 1977.
- LELAND, Charles Godfrey. *Aradia: o evangelho das bruxas*. São Paulo: Outras Palavras, 2000.
- MURRAY, Margareth. *O Culto das bruxas na Europa Ocidental*. São Paulo: Madras Editora, 2003.
- PRIETO, Claudiney. *Wicca para todos: um guia completo para a prática da Bruxaria Moderna*. São Paulo: Editora Alfabeta, 2009.
- PRIETO, Claudiney. *ABC da Bruxaria*. São Paulo: Editora Gaia, 2002.
- PRIETO, Claudiney. *Wicca: a religião da Deusa*. São Paulo: Editora Gaia, 2001.
- PRIETO, Claudiney. *Ritos e mistérios da bruxaria moderna*. São Paulo: Editora Gaia, 1999.

Fontes secundárias

- ARAÚJO, Kallyne Fabiane Pequeno de. *A Wicca e a metamorfose da Bruxa*. 89f. Graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2015.
- BEZERRA, Karina Oliveira. Conhecendo a Wicca: princípios básicos e gerais. *Paralelus*, v. 1, n. 2, p. 99-118, jul./dez. 2010.
- CORDOVIL, Daniela. Sexualidade, espiritualidade e conjugalidades na Wicca brasileira. *Religião e Sociedade*, v. 37, n. 1, p. 85-103, 2017.

CORRÊA, Lucas Berlanza; REFKALEFSKY, Eduardo. A comunidade wiccana no Brasil: discursos, recursos e práticas de comunicação. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. *Anais...* Ouro Preto, 2012, p. 1-15.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUARTE, Janluis. Quem eram as bruxas de Gardner? *Temporalidades: Revista de História*, v. 9, n. 1, p. 275-289, jan./abr. 2017.

DUARTE, Janluis. *Reinventando tradições: representações e identidades da bruxaria neopagã no Brasil*. 239f. Doutorado em História pela Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

ELIADE, Mircea. *Ocultismo, bruxaria e correntes culturais*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

FRAZER, James. *O Ramo Dourado*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

GINZBURG, Carlo. *História noturna: decifrando o Sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LANGER, Jonnhi; CAMPOS, Luciana de. The wicker man: reflexões sobre a wicca e o neo-paganismo. *Revista de História e Estudos Culturais*, v. 4, n. 2, p. 1-21, abr./jun. 2007.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Fragoso. *A Wicca Hoje*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2012.

OSÓRIO, Andréa. Dons da bruxa e trajetórias wiccanas: narrativas sobre ser e tornar-se uma bruxa moderna. *Cadernos de Campo*, n. 20, p. 51-64, 2011.

OSÓRIO, Andréa. Bruxas modernas na rede virtual: a internet como espaço de sociabilidade e disputas entre praticantes de wicca no Brasil. *Sociedade e Cultura*, v. 8, n. 1, p. 127-139, jan./jun. 2005.

OSÓRIO, Andréa. Bruxas modernas: um estudo sobre identidade feminina entre praticantes de wicca. *Campos*, n. 5, v. 2, p. 157-172, 2004.

PEREIRA, Maria Virgínia Souza; CAMPOS, Laíz Letícia de Oliveira Maltêz; MACHADO, Liliane. Divindades femininas na wicca. In: Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. *Anais...* São Leopoldo, 2017, p. 477-492.

TERZETTI FILHO, Celso Luiz. *A Deusa não conhece fronteiras e fala todas as línguas: um estudo sobre a religião Wicca nos Estados Unidos e no Brasil*. 192f. Doutorado em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016.

TERZETTI FILHO, Celso Luiz. A institucionalização da Wicca no Brasil: entrevista com a bruxa wiccaniana Mavesper Cy Ceridwen. *REVER*, v. 14, n. 2, p. 279-290, jul./dez. 2014.

VIEIRA, Taís Borin. *Gênero e religião: paganismo e o culto à Deusa na contemporaneidade*. 79f. Mestrado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.